



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM HUMANIDADES

RAISA ALANA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BARREIRA-CE**

REDENÇÃO-CE

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM HUMANIDADES

RAISA ALANA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BARREIRA-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e letras, da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Ribeiro da Silva

REDENÇÃO-CE

2017

RAISA ALANA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BARREIRA-CE**

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade
da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 18/12/17

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profa. Dra. Lucilene Rezende Alcanfor
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profa. Dra. Carolina Costa Bernardo
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	5
2 INTRODUÇÃO.....	6
3 JUSTIFICATIVA.....	11
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
5 METODOLOGIA.....	15
6 RESULTADOS ESPERADOS.....	16
PLANO DE ATIVIDADE E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....	17
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
8 REFERÊNCIAS.....	19

1 APRESENTAÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como foco explicar a importância dos docentes e da família de crianças com certas deficiências de aprendizagem (como TDHA) nas séries iniciais do ensino fundamental. O objetivo desta pesquisa é fornecer subsídios para uma reflexão sobre a prática docente diante da inclusão de crianças com deficiência visando problematizar essa vivência diária a fim de conscientizar os educadores da importância da sua ação educativa no processo aquisição e construção do conhecimento, assim como para o desenvolvimento destes alunos.

Trago alguns objetivos, como reflexões sobre as práticas educativas para esses alunos com especialidade, vivenciadas diretamente com os alunos, e o professor, bem como observações e críticas a serem desenvolvidas sobre a ação e o resultados das técnicas de trabalho com aluno e professor. O resultado esperado nesta pesquisa é de promover uma mudança de atitude acerca da inclusão mediante o trabalho desenvolvido na escola a qual escolhi para trabalhar essa pesquisa, qual seja, a Escola Pedro Alexandrino de Lima, através de uma reflexão crítica sobre a ação da gestão escolar e de professores que lá trabalham.

A metodologia que fundamenta esta pesquisa é a de referencial bibliográfico em trabalhos pertinentes ao assunto publicados em artigos e livros, sejam impressos ou acessíveis na internet, bem como uma observação em campo, a qual já iniciei como prática do Estágio Supervisionado no curso de Bacharelado em Humanidades.

2 INTRODUÇÃO

A seriedade psicoeducacional do problema relacionado ao déficit de aprendizagem nas escolas e aos posicionamentos dos educadores não está equacionada sistematicamente e não se conhecem seus contornos escolares e clínico, bem como sua repercussão quanto ao período crítico de desenvolvimento. Não é necessário uma reflexão sobre a característica do aluno e do professor, a criança traz para a escola, em todas as fases um conjunto de valores sobre envolvimento, competência e pré-requisitos de aprendizagem, de processamento, elaboração e comunicação de informação, de conhecimento e estratégias que requerem um diagnóstico psicoeducacional equacionado em áreas fortes e fracas que possam abrir a expectativa para seu potencial dinâmico de aprendizagem, partindo do seu nível de desenvolvimento potencial. (JARDIM, 2001, P.69 e 70).

Segundo Vaughn e Boss (1998) é possível perceber a importância do pensamento teórico das dificuldades de aprendizagem, pois examinando pode ser proveniente o padrão e estratégias que dêem fundamentos mais seguros para a sua avaliação ou mais próximos a ela. A dificuldade de aprendizagem descreve uma questão de solução difícil. Problemas centrais na educação contemporânea, tanto por sua complicada definição teórica, como pelas dificuldades de sua maneira de interpretar as causas de ensino. Nas palavras dos autores (1998):

A definição da criança com dificuldades de aprendizagem exige que todos esses componentes sejam considerados de forma sistemática considerar os seguintes parâmetros: adequada oportunidade de aprendizagem, discrepância entre o potencial de aprendizagem e os resultados escolares e fatores de exclusão. A adequada oportunidade de aprendizagem engloba uma avaliação da criança, do envolvimento e das interações dialéticas que materializam as relações indivíduo – meio. As dificuldades de aprendizagem podem ser uma repercussão da falta ou carência de oportunidades, enquanto as desordens de aprendizagem equivalem a problemas mais severos como incapacidade de aprendizagem, a identificação de difusões clinicamente constatada, porque existem anomalias neurológicas expressivas ou lesões cerebrais facilmente detectadas pelos processos convencionais. Nas dificuldades de aprendizagem não surgem sinais disfuncionais severos, apenas sinais disfuncionais ligeiros com mais implicações exógenas que endógenas (VAUGHN e BOSS, 1988, P.98).

Para as autoras (1988) o problema de aprendizagem, por conseguinte, não são sinônimos de dificuldades de aprendizagem, eles tornaram-se desordem essencial no método de aprendizagem que obstrui muitas crianças e jovens de chegar um rendimento escolar satisfatório. A criança ou jovem com dificuldades de aprendizagem mostra-se discrepância mental e o desempenho, desviado em efeito escolar insatisfatório.

Os estudos realizados por VAUGHM e BOSS, (1988, p.99), afirmam que:

Em geral o jovem ou crianças com dificuldades de aprendizagem apresenta um QI (cociente de inteligência) dentro ou acima da média, e um aproveitamento escolar, abaixo dela em algumas áreas, mas não em outras. Identificasse também em crianças ou jovens superdotados, com QI superior a 120, que, em muitos casos, apresentam dificuldades de aprendizagem sugerem em comprometimento no processo de informação, com uma pequena desordem psiconeurologica que afeta a função cognitiva. De quando o cérebro aprende e um dos grandes enigmas da ciência atual, pois não se sabe precisamente com faz, existindo apenas inferências.

O interesse pelo tema veio a partir de uma contato com crianças na escola Pedro Alexandrino de Lima, que me motivou a tratar da temática, outrossim, porque vim de uma família de educadores infantis. Dessa forma, sempre tive o desejo de me aproximar do meio infantil e das salas de aula. Tive a oportunidade de exercer um estagio na referida Escola, situada na cidade de Barreira-CE, há 17,4 quilômetros de Redenção. A mesma me possibilitou um momento de aproximação com alunos com déficit e transtornos em um momento de observação, quando, na ocasião, possibilitou-me um contato mais aproximado com alunos com déficit, no qual tive a oportunidade de buscar pistas de compreensão às minhas inquietações, de forma inicial. As principais inquietações eram a respeito do desenvolvimento dos alunos na sala de AEE, de como aconteciam as aulas e quais os métodos usados dentro e fora de sala para melhorar o aprendizado, procurando também obter informações de como a família estava inserida da escola para ajudar no progresso dos filhos.

Tive a oportunidade de ter um contato pessoal e direto, com o aluno Marcos da Silva Martins ¹que é aluno do 5º ano, tem 11 anos, e, de acordo com o laudo médico, apresenta deficiência intelectual, acompanhado de TDHA², conforme a professora que

¹ Nome fictício (Marcos Martins da Silva)

² Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

trabalha na referida escola, na sala do AEE³. Não se sabe ao certo a origem da deficiência, mas se faz uma hipótese diagnóstica referente a síndrome alcoólica fetal (SAF⁴). O aluno frequenta regularmente a escola, o mesmo é acompanhado por uma cuidadora, e quanto ao seu desenvolvimento há poucos avanços no processo de leitura e escrita e, na maioria das vezes, recusa-se a fazer as atividades propostas. Consegue apenas interpretar textos simples com ajuda de sua cuidadora, na escrita, seu nível é silábico, pois o mesmo não consegue diferenciar as palavras, ler, apenas reconhece desenhos e caso ocorra leitura de uma segunda pessoa, ocorre uma interpretação do mesmo.

O que pude observar dos demais alunos em especial à Marcos, em sala de aula, foi a partir de momentos de atividades elaboradas, juntamente com a professora de sala no período de aula. Observamos que, as atividades que envolvem músicas, brincadeiras ou qualquer tipo de descontração, foram as atividades que chamaram atenção do aluno, como exemplo, foi elaborado em sala pela professora de sala, uma atividade a qual envolvia música, palmas e folhas representando um repolho (brincadeira do repolho). Foi possível observar a empolgação do aluno ao querer que o “repolho” parasse em suas mãos para responder as perguntas. Houve uma participação maior do mesmo e concentração para as perguntas, nas respostas dos demais colegas, pois o mesmo queria responder se soubesse.

Marcos teve, assim, a oportunidade das folhas pararem em suas mãos, e conseguiu responder a pergunta, quando chegou em sua vez de participar, inclusive citou casos aos quais presenciou em relação à brincadeira. Nesse momento o aluno pôde se abrir mais, após a pergunta ele citou um acontecimento que recordou de ter presenciado em seu lar, um fato ao qual envolvia seus irmãos. Nesse exato momento percebi que o mesmo se empolgava com a aula a partir da metodologia que foi usada, da brincadeira como meio de informação e aprendizagem. Nessa aula foi possível perceber um pouco mais do aluno.

Dessa forma, foi perceptível a importância do processo de utilização de outros meios de atividades em sala de aula, principalmente em alunos com déficits, o processo usado em aula, chamou atenção do mesmo, já que ele não se concentra por muito tempo.

³ Atendimento educacional especializado

⁴ Síndrome do anticorpo antifosfolípide

O primeiro contato que fiz com Marcos, a princípio, foi observar as atividades com base no processo de leitura e diagnóstico, pedido pela Secretaria de Educação do Município, exigido pela Crede 8⁵. Essa atividade faz parte do conhecimento e teste de aprendizagem para avaliar o aluno, feito pela gestão escolar em que o diagnóstico tinha como função se reescrito o que era lido para o aluno. De início a primeira resposta foi um “não”, ele se recusou, e somente após algumas tentativas ele deu a oportunidade. Ao iniciar o conteúdo começou a apresentar os sintomas do laudo, (F20⁶ e F06. 9⁷), não houve reconhecimento e interpretações sem a ajuda de sua cuidadora.

Seu comportamento é bastante oscilante, às vezes demonstra interesse por tal atividade, em pouco tempo despreza totalmente qualquer atividade, até mesmo as lúdicas, algumas atividades são elaboradas para o aluno, porque dependendo do dia, se ele tiver ou não medicado se recusa a fazer as atividades propostas iguais a da turma. O aluno anteriormente citado apresenta muita irritabilidade, e é muito inquieto, tem surtos de agressividade constante com os colegas e com o professor de sala sem causa aparente, geralmente, enforcando-os.

Na sala de aula não consegue ficar muito tempo sentado, levanta-se se deslocando a todo momento dentro e fora da sala de aula e sempre encontra uma forma de desconcentrar os colegas. Como na maioria das vezes não realiza as atividades de escrita mais longas, fica ocioso e faz tentativas de fugas, e, outras vezes, tenta fugir da escola com tentativas de pular o muro. Suas dificuldades mais frequentes e a questão do relacionamento com colegas, cumprir regras, muita ansiedade, agressividade e pouco tempo de concentração, como dito anteriormente.

Os alunos, logo de início quando se percebe certo tipo de diferença no comportamento, são submetidos a uma avaliação de uma da assistência encarregada do AEE (Atendimento Educacional Especializado), e, em seguida, após essa avaliação o aluno é passado para o CAPS (Centros de atenção psicossocial), encaminha-se uma visita ao CAPS⁶, na qual é feita a avaliação. É desse ponto de partida que se começa o atendimento educacional na escola; a matrícula depois de feita e assinada pelo responsável, onde cada mãe assina, é feito um breve relatório do aluno, com perguntas

⁵ Coordenadoria regional de desenvolvimento da educação

⁶ Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes

⁷ Transtorno mental não especificado devido a uma lesão e disfunção cerebral e a uma doença física ⁶ Centro de atenção psicossocial

respondidas pelo professor responsável pelo AEE, outras perguntas também são feitas para os pais, como meio de avaliação do professor. Uma ficha de acompanhamento, para cada atendimento é feita com anotações sobre o que aconteceu com o aluno, se houve progresso ou não. É feito também a ficha individual do aluno, que é preciso para o momento em que se recebe o aluno. A escola em tela tem como matriculados 35 alunos com déficits, porém, não são todos que estão na escola por motivo de transferência. Dessa forma, são atendidos 27 alunos na sala de AEE. O acompanhamento dos alunos é feito no contra turno, feito em média de 45 a 50 minutos de atividades dirigidas pela professora. O resultado e desse acompanhamento do AEE, são resultados positivos, e na maioria dos casos, o aluno tem avanço mensalmente, dependendo as regularidades do aluno.

A maior queixa do professor que atende as crianças com o déficit, é a irregularidade da frequência, a qual a família se envolve em relação a vida escolar dos filhos , a falta de interesse em alguns casos sobre a regularidade do filhos nos acompanhamentos no contraturno escolar. Em alguns casos a família não demonstra interesse no próprio aluno, outra queixa do professor responsável pelo AEE é sobre a estrutura da sala que é reservado ao aluno.

Na escola a qual trabalhei a pesquisa, o espaço é pequeno, e só é apenas uma professora intercalando a semana inteira. O próprio professor reconheceu juntamente comigo que a gestão não se mobiliza para melhorias dessa questão, falta um diálogo entre gestão e professor. A professora da sala do AEE mostra bastante interesse pelos alunos, e por meio dela, a mesma se encarrega de marcar todas as consultas e na maioria dos casos é quem faz o papel dos próprios pais, deixando o que é necessário para o aluno ser encaminhado para as consultas.

3 JUSTIFICATIVA

O Projeto se justifica pela necessidade de compreender a presença significativa do aluno com deficiência na sala de aula, e o processo de inclusão, bem como a adequada formação de professores para o atendimento qualitativo desse público na sala de aula. A partir do que foi analisado, de forma preliminar, na escola Pedro Alexandrino de Lima, pude perceber uma carência de professores em relação a alunos com déficits, a única educadora preparada atende a todos os alunos, à medida que pode encaixá-lo na semana.

Com esse projeto pretendo analisar o referencial teórico e documental que possa auxiliar na formação de professores e núcleo gestor da referida escola, pois, pressupomos que há meios de se capacitar esses profissionais para que se aperfeiçoem no atendimento aos alunos com deficiência, seja com informações, ou cursos que os qualifiquem para a inclusão escolar desse público, ou outros meios para que assim ocorra uma melhoria nesse campo de atuação do pedagogo, da pedagoga.

Sabemos que essa formação está vinculada à área de educação especial, não se destina apenas a profissionais que terão a tarefa de incluir os excluídos das escolas, mas educadores que estão reconhecendo os direitos e a valorização das diferenças desses sujeitos, com clareza que sempre aconteceram distinções, mas é dever da escolar unir, fundir e fortalecer, uma escola e uma gestão que garanta a todos os cidadãos brasileiros uma escola sem preconceito, que não discrimina o ensino, a partir de cada deficiência, ou seja, uma formação que possa buscar aprimoramentos sobre o que já se sabe e que possam facilitar o desempenho dos alunos, segundo o Art.3º parágrafo IV do Título I da Constituição da República Federativa do Brasil. Dependendo da deficiência que surge no interior da escola, é preciso procurar métodos que favoreçam a aprendizagem, como e toda essa ação seja entendida como trabalho necessário para que a escola acolha o aluno, como uma equipe de formadores compromissados.

Por outro lado, há um exagero ao que se relaciona à educação especial, que desqualifica os professores. Vejamos bem, o ensino regular define como dois mundos diferentes dentro da escola, isso perpassa a ideia de que em relação às deficiências dos alunos, não temos professores capacitados o suficiente. Isso gera um certo desconforto, é notório a insegurança em relação aos professores regulares não terem habilidades o suficiente.

Desta forma os professores devem se impor a ponto de mostrar que não há alunos diferentes é sim uma diferenciação no ensino, que os mesmos conseguem ensinar sem exceção.

Nesse sentido, é possível afirmar que sempre existiu e ainda existe uma ambiguidade ao que se refere ao atendimento educacional especial, e ainda não se tem uma clara definição das nossas autoridades educacionais sobre a adoção de uma política verdadeiramente inclusiva em nossas escolas regulares. Se a educação especial se protege, ao se mostrar temerosa por uma mudança radical da escola, a educação regular se omite totalmente, passando pela questão muito rapidamente, mas protegendo-se da mesma forma de toda de qualquer transformação de seu trabalho nas escolas, alegando falta de preparo dos professores e de condições funcionais para atender a todas as crianças, inclusive as que têm deficiências.

Sendo questionável também que a educação especial e todas as utilizações dessa adjetivação nos programas, projetos, planos de ação para desenvolver a escolaridade de alunos com deficiência ainda têm um peso muito forte e ajudam a dividir os alunos, professores, sistemas, escolas, ideias, legislação, ao invés de ampliar a especialização do ensino em todos os alunos.

3 OBJETIVOS:

3.1 GERAL

Analisar a política de inclusão do município de Barreira, Ceará, para a problematização da prática docente na Escola Pedro Alexandrino de Lima, contribuindo para o debate sobre a ação educativa no processo aquisição e construção do conhecimento assim como para o desenvolvimento educacional.

3.2 ESPECIFICOS

Analisar e refletir sobre as práticas educativas desenvolvidas com alunos ditos especiais, na sala de AEE e vivenciadas diretamente com os mesmos e o professor;

Acompanhar o atendimento em educação especial na Escola Pedro Alexandrino de Lima para o fortalecimento da disciplina em Educação Especial do curso de Pedagogia da Unilab.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes do século XX o sistema educacional brasileiro ignoravam as pessoas com deficiência. Se uma criança assim nascia, para o estado a responsabilidade era dos pais ou da própria criança, e como tal devia “pagar a culpa”. (ANTUNES ,2008, P.15)

A partir do século XVIII a visão de criança pelos pais começa a mudar e estes passam a dar mais atenção a área afetiva e social da criança. Para Lunardi (2003), a família passa a assumir um novo papel, uma vez que a educação de crianças com especialidades passa a ter uma atenção especial.

Nesse momento da história da humanidade, a escola via a criança como um ser imperfeito, inacabado, fraco, bem como desprovido de qualquer conhecimento. Portanto, a maior função da escola nessa época era introduzir repetidamente regras para as crianças, sendo estas regras costumes e valores sociais e morais com objetivo preparar para o trabalho.

No Brasil, durante o século XIX, as creches, internatos e asilos foram criados com finalidade de atender crianças pobres e os filhos de escravos que, com a abolição da escravatura, não tinham como se refugiar.

Revisando-se a literatura no Brasil sobre a educação das pessoas com deficiência, encontrou-se que seu acesso à educação regular é bastante recente. Esses indivíduos eram excluídos e/ou até mesmo mortos; entre os séculos XVIII e XIX, passaram a ser segregados em instituições. No final do século XIX e início do século XX surgiram as instituições especializadas e as classes de Educação Especial. Já no século XX, por volta dos anos 70, emergiu o movimento da Integração Social das Pessoas com Deficiência.

Kuhlmann (1998, p. 182) define a educação assistencialista como uma educação que parte de uma concepção preconceito da pobreza e que, por meio de um atendimento de baixa qualidade, pretende preparar os atendimentos para permanecer no lugar social, a que estariam destinados. Uma educação bem diferente daquela ligada aos ideais de cidadania, liberdade, igualdade e fraternidade.

Portanto, a educação assistencialista apenas tinha a preocupação em cuidar da criança, bem como preparava a criança para aceitar a sua condição social e a não se questionar sobre a sua realidade.

Conforme Mazzota apud Rabelo (2015):

Historicamente, pode-se contextualizar a educação especial no Brasil em dois momentos; o primeiro caracterizou-se por iniciativas governamentais isoladas ou particulares e compreendeu os anos de 1854 a 1956; e o segundo caracterizou-se por iniciativas de âmbito nacional que se desenvolveram a partir de 1957 e se mantiveram até os dias atuais.

Ainda citando Mazzotta (2005), a autora (2015) explicita que:

Constituindo-se como iniciativas particulares e isoladas, a primeira ação concreta no que concerne ao atendimento especializado dessa clientela ocorreu em 1854 por iniciativa de D. Pedro II, que fundou no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que mais tarde passou a se chamar *Instituto Benjamin Constant*. A criação do referido instituto, deveu-se a forte influência de José Álvares de Azevedo que era cego e acabara de concluir seus estudos no Instituto de Jovens Cegos de Paris, despertando assim, o interesse do Ministro do Império Couto Ferraz, e conseqüentemente de D. Pedro II, que lançaram um novo olhar a esses indivíduos.

Foi com a criação dessas instituições como essas voltadas para ensinar a técnica, para a aprendizagem de ofícios, que destinavam-se a promover o adentramento de meninos e meninas ao mundo do trabalho, que se deu margem para discussões no âmbito educacional, possibilitando a compreensão de que as pessoas portadoras de deficiência também tinham o direito à educação.

Rabelo (2015) salienta que foi a partir de então, que se começou a registrar diversos estudos na área da educação especial, como por exemplo, “A Educação da Infância

Anormal da Inteligência no Brasil”, do professor Clementino Quaglio, “Tratamento e Educação das Crianças Anormais da Inteligência” e “A Educação da Infância Anormal e das Crianças Mentalmente Atrasadas na América Latina”, de Basílio de Magalhães. (MAZZOTTA apud RABELO, 2015).

A sociedade atual já percebe que a educação infantil deve promover o desenvolvimento de diversos aspectos sendo estes afetivos, emocionais, cognitivos, físicos e sociais, admitindo que estes são indissociáveis e devem ser trabalhados de maneira integrada.

Pretendemos nos guiar pela história da educação especial no Brasil e como esses estudos chegam no município de Barreira, para assim compreendermos o processo de inclusão de alunos com deficiência na sala de aula regular no avanço do conhecimento como sujeito de direitos.

5 METODOLOGIA

Após o contato com os alunos da escola Pedro Alexandrino de Lima, sendo esse o meu primeiro contato com alunos (mais de um) pude perceber a importância a qual a escola e o âmbito social é importante para crianças e jovens com déficits, cada um tem sua especialidade e sua maneira de se comportar, ao perceber essas particularidades, percebi que o âmbito escolar necessita muito mais que apenas formações e salas especializadas. Foi então que pensei como ficaria essas crianças com mudanças desde em casa até a sala de aula.

Desta forma os formados e preparados para a inclusão e para as especialidades existentes em escolas e em qualquer meio, não requer somente uma preparação das intuições e professores, mas a família como um todo, deve estar totalmente presente na vida do aluno, pois alguns pais não se manifestam inteiramente na vida do filho, como é o caso do aluno a qual fundamentei minha pesquisa. Percebi a escola como um meio de escape para o aluno.

Já no âmbito educacional, não é suficiente para o professor, apenas o curso de pedagogia, pois o mesmo oferta disciplinas na área da educação especial, o necessário são cursos, palestras que atendam ao público e projetos que viabilizem ampliar o

conhecimento acerca da inclusão, obtendo assim uma melhoria dentro das escolas e fora da escola.

6 RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados iniciais alcançados sinalizam que há ainda muito o que estudar e agir para a prática pedagógica em sala de aula, na sala de AEE e na gestão escolar. Apontam também que, embora os professores saibam da existência dessas dificuldades, necessitam ainda de formação e qualificação que favoreçam a intervenção pedagógica no trabalho em sala de aula, de forma que favoreça a ressignificação da presença do aluno com deficiência, não somente dando-lhe um espaço em sala.

O desejo é que toda e qualquer criança possa desenvolver-se na sua integralidade, crescer mais feliz, aprendendo a lidar com dificuldades que vier encontrar ao longo de sua vida, tendo consciência de que não será uma caminhada fácil, mas que, também poderá “alçar voos” no percurso escolar, podendo se tornar um profissional como os seus colegas de sala, dentro de suas possibilidades.

Para isso é preciso que cada vez mais, os profissionais da educação se dediquem ao estudo, não somente destas dificuldades, mas de tantas outras que possam surgir e se empenhem na busca de formação especializada para intervenção apropriada dentro da escola e da sala de aula, visando a inclusão destes alunos no ambiente escolar e social.

PLANO DE ATIVIDADE E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

AÇÃO/PERÍODO	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	3º SEMESTRE	4º SEMESTRE	5º SEMESTRE	6º SEMESTRE
Levantamento bibliográfico	X	X				
Elaboração do referencial teórico e documental	X	X	X	X	X	
Reunião com orientadora	X	X	X	X	X	X
Observação na escola	X	X				
Coleta de dados	X	X				
Análises parciais	X	X	X	X		
Análises finais					X	X
Elaboração do TCC				X	X	X
Defesa do TCC						X

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto sobre os alunos que apresentam déficit de aprendizagem, e carregam consigo o estigma do desinteresse, preguiça e que as implicações destes problemas acarretam prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, compromete sua vida social, é de grande interesse de todos nós que pretendemos trilhar o caminho da Pedagogia.

Acredita-se que a criança, com ou sem deficiências, também aprende através de brincadeiras, músicas, jogos lúdicos e com carinho, atenção e dedicação daqueles com os quais convive, mas é necessário, ainda, fazer com que a criança conquiste uma vida de experiências sem restrições e mutilações, com conteúdo emocional sadio. Por isso, consistir estratégias junto, aprendiz desempenho das funções de leitura e escrita por meio de intervenções pedagógicas, é de extrema importância para que o sujeito encontre varias possibilidades com o objetivo de aprender tais atividades e garantir uma melhor um melhor desenvolvimento em outras matérias.

Segundos alguns professores, que me ajudaram a construir elementos para esse projeto de pesquisa, as dificuldades na leitura e na escrita causam nas crianças com deficiência um sentimento de fracasso, pois é através da leitura que elas veem outdoors, embalagens, livros e não conseguem decifrar aqueles sinais, ou seja não fazem transferência do sinal gráfico para o significado. Sendo assim, precisamos compreender sobre o que é necessário para melhorar sua auto-estima, o que o professor precisa saber e fazer em sala de aula juntos aos mesmos, sem esperar, somente, pelo atendimento da professora da sala de AEE.

8REFERÊNCIAS

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. *Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

MULTIEDUCAÇÃO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. MULTIRIO. Disponível em:http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/cime/ME02/ME02_010.html.

BELISÁRIO JÚNIOR, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **Transtornos globais do desenvolvimento: Educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. Brasília 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Alan Lucas/Downloads/a_educacao_especial_na_perspectiva_da_inclusao_escolar.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

RABELO, Maria Ivonete Nobre. DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE: DA MARGINALIZAÇÃO DO ENSINO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA A EFETIVAÇÃO DA POLÍTICA DE INCLUSÃO ESCOLAR. Trabalho de Monografia. Uece. 2015.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; MACHADO, Rosângela. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: Fsc, 2010.

ROJO, Roxane. **As Relações entre fala e escrita :Mitos e Perspectivas**. Panpulha: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2005-2007.

CARMO, Francisca Maurilene do. **vigotski: um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho**.2008. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008